

Poesias dispersas

Textos-fonte:

Obra Completa, Machado de Assis, vol. III,
Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1994.

Toda poesia de Machado de Assis. Org. de Cláudio Murilo Leal.
Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.

ÍNDICE

[A PALMEIRA](#)

[ELA](#)

[TEU CANTO](#)

[UM ANJO](#)

[MINHA MUSA](#)

[COGNAC!...](#)

[MINHA MÃE](#)

[O SOFÁ](#)

[VAI-TE](#)

[ÁLVARES D'AZEVEDO](#)

[REFLEXO](#)

[A MORTE NO CALVÁRIO](#)

[UMA FLOR? — UMA LÁGRIMA](#)

[CONDÃO](#)

[A AUGUSTA](#)

[SONETO CIRCULAR](#)

[ÍCARO](#)

[CORAÇÃO PERDIDO](#)

[FASCINAÇÃO](#)

[O CASAMENTO DO DIABO](#)

[HINO PATRIÓTICO](#)

A CÓLERA DO IMPÉRIO

DAQUI DESTE ÂMBITO ESTREITO

A FRANCISCO PINHEIRO GUIMARÃES

À MEMÓRIA DO ATOR TASSO

NO ÁLBUM DO SR. QUINTELA

VERSOS

SONETO

NAQUELE ETERNO AZUL, ONDE COEMA

DAI À OBRA DE MARTA UM POUCO DE MARIA

RELÍQUIA ÍNTIMA

A DERRADEIRA INJÚRIA

REFUS

ENTRA CANTANDO, ENTRA CANTANDO, APOLO!

A GUIOMAR

PRÓLOGO DO *INTERMEZZO*

A CAROLINA

SONETO

A FRANCISCA

À ILMA. SRA. D. P. J. A.

A SAUDADE

JÚLIA

MEU ANJO

UM SORRISO

PARÓDIA

A SAUDADE

NO ÁLBUM DO SR. F. G. BRAGA

A UMA MENINA

O GÊNIO ADORMECIDO

O PROFETA

O PÃO D'ACÚCAR

SONETO A S. M. O IMPERADOR, O SENHOR D. PEDRO II

À MADAME ARSÈNE CHARTON DEMEUR

O MEU VIVER

DORMIR NO CAMPO

CONSUMMATUM EST!

SAUDADES

LÁGRIMAS

NÃO?

RESIGNAÇÃO

AMANHÃ

A***

DEUS EM TI

ESTA NOITE

VEM!

ESPERANÇA

A MISSÃO DO POETA

O PROGRESSO

À ITÁLIA

A UM POETA

A PARTIDA

A REDENÇÃO

S. HELENA

NUNCA MAIS

A CH. F. FILHO DE UM PROSCRITO

OFÉLIA

A ESTRELA DA TARDE

A UM PROSCRITO

SONHOS

UM NOME

TRAVESSA

À D. GABRIELA DA CUNHA

MEUS VERSOS

À MME. DE LA GRANGE

SOUVENIRS D'EXIL

A S. M. I.

AO CARNAVAL DE 1860

NO ÁLBUM DA ARTISTA LUDONIVA MOUTINHO

GABRIELA DA CUNHA

ESTÂNCIAS NUPCIAIS

EM HOMENAGEM À D. ISABEL E AO CONDE D'EU

NO CASAMENTO DA PRINCESA ISABEL

CALA-TE, AMOR DE MÃE

TRISTEZA

O PRIMEIRO BEIJO

A F. X. NOVAIS

ONTEM, HOJE, AMANHÃ

26 DE OUTUBRO

AS NÁUFRAGAS

AO DR. XAVIER DA SILVEIRA

13 DE MAIO

SONETO

RICARDO

VELHO TEMA

POR ORA SOU PEQUENINA

CÉSAR! FULGE MAIS LUZ

NÃO HÁ PENSAMENTO RARO

VIVA O DIA 11 DE JUNHO

VOULEZ-VOUS DU FRANÇAIS?

A PALMEIRA [1]

RJ, 6 jan. 1855
O.D.C.

A FRANCISCO GONÇALVES BRAGA

Como é linda e verdejante
Esta palmeira gigante
Que se eleva sobre o monte!
Como seus galhos frondosos
S'elevam tão majestosos
Quase a tocar no horizonte!

Ó palmeira, eu te saúdo,
Ó tronco valente e mudo,
Da natureza expressão!
Aqui te venho ofertar
Triste canto, que soltar
Vai meu triste coração.

Sim, bem triste, que pendida
Tenho a fronte amortecida,
Do pesar acabrunhada!
Sofro os rigores da sorte,
Das desgraças a mais forte
Nesta vida amargurada!

Como tu amas a terra
Que tua raiz encerra,
Com profunda discricção;
Também amei da donzela
Sua imagem meiga e bela,
Que alentava o coração.

Como ao brilho purpurino
Do crepúsc'lo matutino
Da manhã o doce albor;
Também amei com loucura
Ess'alma toda ternura
Dei-lhe todo o meu amor!

Amei!... mas negra traição
Perverteu o coração
Dessa imagem da candura!
Sofri então dor cruel,
Sorvi da desgraça o fel,
Sorvi tragos d'amargura!

.....
Adeus, palmeira! ao cantor
Guarda o segredo de amor;
Sim, cala os segredos meus!
Não reveles o meu canto,
Esconde em ti o meu pranto
Adeus, ó palmeira!... adeus!

ELA [\[2\]](#)

Nunca vi, — não sei se existe
Uma deidade tão bela,
Que tenha uns olhos brilhantes
Como são os olhos dela!

F. G. BRAGA

Seus olhos que brilham tanto,
Que prendem tão doce encanto,
Que prendem um casto amor
Onde com rara beleza,
Se esmerou a natureza
Com meiguice e com primor.

Suas faces purpurinas
De rubras cores divinas
De mago brilho e condão;
Meigas faces que harmonia
Inspira em doce poesia
Ao meu terno coração!

Sua boca meiga e breve,
Onde um sorriso de leve
Com doçura se desliza,
Ornando purpúrea cor,
Celestes lábios de amor
Que com neve se harmoniza.

Com sua boca mimosa
Solta voz harmoniosa
Que inspira ardente paixão,
Dos lábios de Querubim
Eu quisera ouvir um — sim —
Pr'a alívio do coração!

Vem, ó anjo de candura,
Fazer a dita, a ventura
De minh'alma, sem vigor;

Donzela, vem dar-lhe alento,
Faz-lhe gozar teu portento,
"Dá-lhe um suspiro de amor!"

TEU CANTO [\[3\]](#)

29 jun. 1855

A UMA ITALIANA

É sempre nos teus cantos sonorosos
Que eu bebo inspiração.

DO AUTOR ["Meu Anjo".]

Tu és tão sublime
Qual rosa entre as flores
 De odores
 Suaves;
Teu canto é sonoro
Que excede ao encanto
 Do canto
 Das aves.

Eu sinto nest'alma,
Num meigo transporte,
 Meu forte
 Dulçor;
Se soltas teu canto
Que o peito me abala,
 Que fala
 De amor.

Se soltas as vozes
Que podem à calma,
 Minh'alma
 Volver;
Minh'alma se enleva
Num gozo expansivo
 De vivo
 Prazer.

Donzela, esta vida
Se eu tanto pudera,
 Quisera
 Te dar;
Se um beijo eu pudesse
Ardente e fugace
 Na face
 Pousar.

UM ANJO [\[4\]](#)

RJ, out. 1855

À MEMÓRIA DE MINHA IRMÃ

Se deixou da vida o porto
Teve outra vida nos céus.

A. E. ZALUAR

Foste a rosa desfolhada
Na urna da eternidade,
Pr'a sorrir mais animada,
Mais bela, mais perfumada
Lá na etérea imensidade.

Rasgaste o manto da vida,
E anjo subiste ao céu
Como a flor enlanguecida
Que o vento pô-la caída
E pouco a pouco morreu!

Tu'alma foi um perfume
Erguido ao sólio divino;
Levada ao celeste cume
C'os Anjos oraste ao Nume
Nas harmonias dum hino.

Alheia ao mundo devasso,
Passaste a vida sorrindo;
Derribou-te, ó ave, um braço,
Mas abrindo asas no espaço
Ao céu voaste, anjo lindo.

Esse invólucro mundano
Trocaste por outro véu;
Deste negro pego insano
Não sofreste o menor dano
Que tu'alma era do Céu.

Foste a rosa desfolhada
Na urna da eternidade
Pr'a sorrir mais animada
Mais bela, mais perfumada
Lá na etérea imensidade.

MINHA MUSA [\[5\]](#)

RJ, 22 fev. 1856

A Musa, que inspira meus tímidos cantos,
É doce e risonha, se amor lhe sorri;
É grave e saudosa, se brotam-lhe os prantos.
Saudades carpindo, que sinto por ti.

A Musa, que inspira-me os versos nascidos

De mágoas que sinto no peito a pungir,
Sufoca-me os tristes e longos gemidos,
Que as dores que oculto me fazem trair.

A Musa, que inspira-me os cantos de prece,
Que nascem-me d'alma, que envio ao Senhor.
Desperta-me a crença, que às vezes 'dormece
Ao último arranco de esp'ranças de amor.

A Musa, que o ramo das glórias enlaça,
Da terra gigante — meu berço infantil,
De afetos um nome na idéia me traça,
Que o eco no peito repete: — Brasil!

A Musa, que inspira meus cantos é livre,
Detesta os preceitos da vil opressão,
O ardor, a coragem do herói lá do Tibre,
Na lira engrandece, dizendo: — Catão!

O aroma de esp'rança, que n'alma recende,
É ela que aspira, no cálix da flor;
É ela que o estro na frente me acende,
A Musa que inspira meus versos de amor!

COGNAC!... [6]

Vem, meu Cognac, meu licor d'amores!...
É longo o sono teu dentro do frasco;
Do teu ardor a inspiração brotando
O cérebro incendeia!...

Da vida a insipidez gostoso adoças;
Mais val um trago teu que mil grandezas;
Suave distração — da vida esmalte,
Quem há que te não ame?

Tomado com o café em fresca tarde
Derramas tanto ardor pelas entranhas,
Que o já provento renascer-lhe sente
Da mocidade o fogo!

Cognac! — inspirador de ledos sonhos,
Excitante licor — de amor ardente!
Uma tua garrafa e o *Dom Quixote*,
É passatempo amável!

Que poeta que sou com teu auxílio!
Somente um trago teu m'inspira um verso;
O copo cheio o mais sonoro canto;
Todo o frasco um poema!

MINHA MÃE [7]

(Imitação de Cowper)

Quanto eu, pobre de mim! quanto eu
quisera
Viver feliz com minha mãe também!

C. A. DE SÁ

Quem foi que o berço me embalou da infância
Entre as doçuras que do empíreo vêm?
E nos beijos de célica fragrância
Velou meu puro sono? Minha mãe!
Se devo ter no peito uma lembrança
É dela que os meus sonhos de criança
Dourou: — é minha mãe!

Quem foi que no entoar canções mimosas
Cheia de um terno amor — anjo do bem
Minha fronte infantil — encheu de rosas
De mimosos sorrisos? — Minha mãe!
Se dentro do meu peito macilento
O fogo da saudade me arde lento
É dela: minha mãe.

Qual anjo que as mãos me uniu outrora
E as rezas me ensinou que da alma vêm?
E a imagem me mostrou que o mundo adora,
E ensinou a adorá-la? — Minha mãe!
Não devemos nós crer num puro riso
Desse anjo gentil do paraíso
Que chama-se uma mãe?

Por ela rezarei eternamente
Que ela reza por mim no céu também;
Nas santas rezas do meu peito ardente
Repetirei um nome: — minha mãe!
Se devem louros ter meus cantos d'alma
Oh! do porvir eu trocaria a palma
Para ter minha mãe!

O SOFÁ [8]

Oh! Como é suave os olhos
Sentir de gozo cerrar,
Sobre um sofá reclinado
Lindos sonhos a sonhar,
Sentindo de uns lábios d'anjo
Um medroso murmurar!

Um sofá! Mais belo símbolo
Da preguiça outro não há...
Ai, que belas entrevistas
Não se dão sobre um sofá,
E que de beijos ardentes
Muita boca aí não dá!

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

